CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA HISTÓRIA
PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR
26 de outubro de 2026

NO DIA DOS MEUS ANOS / 1992

Um filme de João Botelho

Realização e Argumento: João Botelho / Direcção de Fotografia: Dominique Le Rigoleur / Decoração: Ana Vaz da Silva / Música: Schonberg, Schniftke, Arvo Part, Blondie / Som: Vasco Pimentel / Montagem: José Nascimento e Manuela Viegas / Interpretação: André Costa (Miguel), Madalena Rodrigues (Joana), Paulo Matos (piloto), Jessica Weiss (Laura), João Lagarto (pai), Artur Ramos (avô), Vitor Norte (Rafael), Leonor Silveira (mulher do piloto), Margarida Marinho, Artur Semedo, André Gomes, Inês de Medeiros, Henrique Viana, etc.

Produção: Madragoa Filmes – RTP – La Sept / Produtor: Paulo Branco / Cópia: da Cinemateca Portuguesa, DCP, colorida, falada em português / Duração: 65 minutos / Estreia Comercial: King, a 21 de Agosto de 1992.

No Dia dos Meus Anos insere-se numa série temática lançada e co-produzida pela Radiotelevisão Portuguesa, no princípio dos anos 90, tendo como mote temático "os quatro elementos". João Mário Grilo filmou a "terra" em **O Fim do Mundo,** Joaquim Pinto filmou o "fogo" em **Das Tripas Coração,** João César Monteiro a "água" em **O Último Mergulho.** A João Botelho coube, em **No Dia dos Meus Anos,** aquele que é provavelmente o mais abstracto, ou pelo menos mais dificilmente materializável em imagens, dos quatro elementos: o "ar".

Como filmar o "ar", esse elemento que nos rodeia, que é o "sopro indispensável à existência de todos os seres vivos" (como se diz no filme), mas que não tem "imagem"? Sem nunca se tornar propriamente um ensaio ou um filme teórico, essa interrogação passa pelo filme: é ver por exemplo os planos iniciais, com o céu e as nuvens (parecidas com as nuvens de Godard ou de Straub), depois as folhagens das árvores a serem batidas pelo vento, pelo ar em movimento, na mais límpida das suas manifestações visíveis (e se as nuvens "traziam" essas duas citadas referências, importantes para João Botelho, o vento nas árvores traz obviamente outra: Griffith). Muitas referências ao "ar" aparecerão durante o filme, dos aviões (os miúdos a brincar aos "terroristas" nas imediações do aeroporto da Portela) à personagem do piloto, da aula declamada (é o termo) por André Gomes numa das cenas iniciais às múltiplas referências polvilhadas nos diálogos e nas situações do filme. Uma das mais discretas, mas mais decisivas, será a que alude à tosse da personagem de Victor Norte, sintoma enigmático que aponta para um ar poluído, para um ar não saudável.

E essa é uma questão importante. Construído de forma fragmentada, num tipo de estrutura narrativa que Botelho frequentemente cultivou (o "mosaico") e a que no futuro voltaria diversas vezes (ocorre-nos muito em especial a lembrança de **Tráfico,** talvez o filme de Botelho que mais responde, no final da década de 90, a este filme do principio da mesma década, como numa relação especular), **No Dia dos Meus Anos** vê-se hoje como um diagrama da vida urbana portuguesa (ou pelo menos lisboeta) naquele período, em que se começavam a sentir os efeitos da "modernização" do país (e concretamente os efeitos da entrada, meia-dúzia de anos antes, na comunidade europeia) e se anunciava a euforia que tomaria conta de boa parte dessa década (é por isso que nos ocorre **Tráfico,** filme "do outro lado" dessa euforia, posterior a ela). De certa forma, neste filme sobre o "ar", ficou sobretudo o *"ar do tempo",* como o ilustram ainda as menções (a voz off no aeroporto, as conversas entre os dois presidiários, as notícias na televisão) à desordem europeia que se seguiu ao colapso da URSS, então ainda muito recente e missa de que ainda nem a metade se conhecia.

Nas suas divagações – enquanto "monta" a sua narrativa central, a história do miúdo e do pai (João Lagarto), que só a dada altura se torna explicita – **No Dia dos Meus Anos** vive de cenas curtas, de personagens que se apanham agora e se largam a seguir sem se ter a certeza de que as voltaremos a apanhar, filma um mal estar que está no ar – será finalmente o que liga tudo, e sem jogo de palavras, pois se pode dizer que toda a gente respira o mesmo ar (e qual é por exemplo a ligação entre as cenas da família do miúdo e as do casal de Paulo Matos e Leonor Silveira? As paredes muito finas, como diz a rapariga, incapazes de suster as ondas sonoras, propagadas no ar, das discussões entre o casal). Mesmo as personagens que aparecem para uma única cena (a de Henrique Viana, por exemplo) não se tornam anedóticas – mérito de um cineasta em plena forma, mérito de um leque de actores que corresponde à "nata" do princípio dos anos 90. E a melhor medida do sucesso do filme, nessa estratégia de recortar e isolar dentro do "mosaico" um nódulo central, serão os planos finais, o reencontro do miúdo, do pai e da mãe, dado com uma doçura extraordinária.

Luís Miguel Oliveira